

SÍNTESE POLÍTICA

A RENÚNCIA DO PRESIDENTE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Não se podem ainda precisar as causas da renúncia do Sr. JÂNIO QUADROS, que tanto abalou a Nação, mas já se pode afirmar com certeza que não foi devida a pressão militar, nem à impossibilidade de realização de um programa administrativo dentro da estrutura constitucional vigente. Tudo leva a crer, entretanto, que a tentativa janista de um neutralismo independente criou em tôrno do Chefe da Nação um clima ao qual dificilmente se poderiam ajustar sua personalidade e seu temperamento. A situação criada pela renúncia é carregada de apreensões e exige uma estreita colaboração de todos, em benefício do futuro do país.

A PARTIR da renúncia do Presidente JÂNIO QUADROS, o país não conheceu mais sossêgo. E isso é, sob alguns pontos-de-vista, natural. Na vida pública uma grave crise gera outras, em cadeia, até que a própria fôrça das coisas se encarregue de restabelecer o equilíbrio e a serenidade.

E é de equilíbrio e serenidade que o Brasil carece, agora como nunca, para que as dificuldades possam desaparecer, absorvidas por medidas adequadas a suprimi-las.

Impossível negar que a atitude do Sr. JÂNIO QUADROS causou tremendo abalo à Nação. Antes de tudo pelo inesperado da resolução de S. Excia. Do dia para a noite, um Presidente abandona o poder sem que até agora explicasse clara e convincentemente as razões que o levaram àquele passo.

No primeiro momento, tudo fazia supor que sobre S. Excia. houvesse recaído qualquer irresistível forma de pressão das Classes Armadas. Essa hipótese foi rechaçada

lelo próprio resignatário, que a contestou formalmente. A verdade é que, ao contrário do que alguns levianamente assoalharam, os Ministros das pastas militares não só foram, como toda gente, surpreendidos pelo gesto do Presidente, senão que lhe fizeram apelos, até patéticos, para que não consumasse a resolução quando ela lhes foi oficialmente comunicada, ainda antes de efetivar-se.

Digam o que disserem os últimos fiéis de S. Excia., não ocorreu no lamentável episódio sombra de coação ou de ameaça dos quartéis.

O Sr. JÂNIO QUADROS foi embora por sua exclusiva decisão pessoal. Ninguém tinha força para obrigá-lo a ficar, mas ninguém o impeliu a partir. Fê-lo porque assim o entendeu. Diz-se também que a causa da renúncia foi ter S. Excia. verificado que não conseguiria levar a termo seu programa administrativo dentro da nossa vigente estrutura constitucional. A alegação não parece digna de crédito. Desde logo porque, durante a longa campanha eleitoral, S. Excência não arvorou qualquer bandeira revisionista nem condicionou o exercício do cargo à possibilidade de reformas fundamentais no corpo da Lei Magna.

Não vale, entretanto, a pena aprofundar a etiologia do dramático acontecimento de 25 de agosto. Preferível será aguardar que S. Excia. mesmo indique, como promete, as causas do seu ato, para que o povo possa averiguar onde se situa a verdade.

Estas considerações, porém, não modificam nem atenuam o impacto sofrido pela Nação com a vacância de sua chefia.

É muito cedo para um julgamento da ação governamental desenvolvida entre 31 de janeiro, data da posse, e 25 de agosto, dia da renúncia. Não resta dúvida que muitas coisas boas sucederam naquele período, como a regularização da dívida externa e outras medidas administrativas então tomadas em apenas alguns meses.

Queremos crer que o alarma público decorreu da prática da política externa. Talvez menos desta do que de certas reservas acêrcas dos nossos compromissos, sobretudo no plano continental, e de certas declarações indicativas da tendência "neutralista" do Presidente QUADROS, de suas restrições (ao menos *in petto*) quanto às nossas ligações com os Estados Unidos da América e outras potências do Ocidente. Além do mais, a resolução de restabelecer relações diplomáticas com a U.R.S.S. e alguns de seus satélites.

Em breve a opinião nacional foi surpreendida com a afirmação de que nossa política internacional passava a ser uma política "independente". A caracterização começava por desmoralizar nossa conduta anterior, como se ela se configurasse até ali debaixo de "dependências". Ora, isso sempre constituiu uma falsidade, repetida apenas caluniosamente pelos comunistas. Por honra dos governos antecedentes, nunca demos qualquer passo sob influência estrangeira. Se, porém, a qualificação "independente" visava a tornar público que, de JÂNIO em diante, o Brasil não se consideraria mais como aliado dos Estados Unidos e das potências ocidentais, a interpretação deve ter sido apenas pejorativa, por isso que estamos vinculados aos

países continentais por solenes Tratados e por formais Declarações. Votar contra aquêles textos não é ser "independente"; é apenas proceder como perjuros. Nem outra está sendo a conduta de FIDEL CASTRO.

De modo que o adjetivo "independente" não nos exalta, mas nos deprime.

Se o objetivo do Sr. JÂNIO QUADROS consistia em mudar de rota, melhor seria dizê-lo expressamente, sem infamar a nossa tradição internacional, a qual só dependeu do nosso país, não de outros. O que sempre fizemos foi cumprir nossas deliberações tomadas em conferências, em tratados e convenções por nós assinados. Um dos princípios de direito e de moral exprime-se pelo lema — *pacta sunt servanda*. Jamais acolhemos, como boa, a cínica afirmação do chanceler da Alemanha de GUILHERME II, quando afirmou que "os tratados são simples farrapos de papel".

Isso sem considerarmos que o nosso interesse e a nossa segurança jamais deixaram de situar-se dentro da construção monolítica do pan-americanismo, antecipado ao próprio BOLÍVAR pelo pai da nossa diplomacia — ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Brasileiros, cujos nomes fulguram até hoje na constelação do fervor patriótico e da superioridade mental como o Patriarca JOSÉ BONIFÁCIO, RUI BARBOSA, RIO BRANCO e NABUCO, para só falarmos dos maiores, jamais escravizaram as diretivas internacionais de sua Pátria a quaisquer governos forasteiros. As deliberações, que tomaram, não vieram de fora, mas

foram ditadas por seu amor ao Brasil e por sua lucidez intelectual.

Não só uma conduta oposta caracterizou o Itamarati sob a direta orientação do Sr. JÂNIO QUADROS. Também sua precipitada aproximação com o Sr. KRUTCHEV e diversos de seus procônsules, aderentes e simpatizantes, se fez por declarações inesperadas, telegramas ao chefe do governo soviético e rasgados elogios ao Sr. FIDEL CASTRO. Tudo de tão chocante maneira que a Nação passou da surpresa ao alarma e a indagar — "Para onde vamos?"

Infelizmente a mesma pergunta continua a ser válidamente formulada hoje.

Mesmo sem negar certos aspectos positivos do reatamento com a U.R.S.S. e seus satélites (possível conveniência do alargamento dos nossos mercados comerciais ou de nosso âmbito de relações com tão numerosas populações, além do exemplo que decorre da atitude dos Estados Unidos e outras Nações do Ocidente), não era admissível o estrépito feito, nesse particular, pelo Governo QUADROS e seu sucessor. E isso somente para colhêr os aplausos dos comunistas brasileiros, de esquerdistas notórios e dos nossos famosos "nacionalistas", que o povo derrotou tão expressivamente nas últimas eleições. Ou sejam — minorias inconsistentes e demagógicas.

Foram estas atitudes de JÂNIO QUADROS e as mesmas que continuam inexplicáveis as que geraram possivelmente as crises conseqüentes à renúncia e as que prosseguem perdurando.

Com o acréscimo das pressões inflacionárias, com a progressiva

debilitação do valor do cruzeiro (o dólar já transpôs a barreira dos Cr\$ 400,00), com os *deficits* orçamentários cada vez mais volumosos e tantos outros fatores deprimentes, de certo a situação geral do país é má, e urge começar uma obra metódica de recuperação dos valores em todos os planos.

Não temos por que descrever do futuro da nossa Pátria, mas impõe-se o reconhecimento da necessidade de uma colaboração estreita entre o Governo, os partidos políticos, as massas cristãs, as classes sociais.

Divididos e inimigos uns dos outros, não poderemos ir adiante.

O próprio regime que, de presidencialista, se tornou parlamentar não se acha devidamente estruturado. Ao contrário, falta-lhe nitidez e organicidade.

Estas duras noções são hoje reconhecidas de baixo a cima e impõem, por parte dos poderes do Estado, uma atenta vigilância para sairmos da crise generalizada.

Tal é, num golpe de vista, a situação política do Brasil nestas últimas horas do ano de 1961.